

Aug. 143

Centro de Estudos Bahianos

HERMANNI NEESER

A COLÔNIA LEOPOLDINA
(1858)



Publicação

SALVADOR - BAHIA

5

A correspondência do Centro de Estudos deve ser dirigida ao Secretario Geral, Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto, n. 9 — Bahia.

EXCERPTOS DA DISSERTAÇÃO DO DR. CARL AUGUST
TOELSNER — SOBRE A COLÔNIA LEOPOLDINA 1858

Pouco ou quase nada sabemos a respeito da fundação, prosperidade e decadência da Colônia Leopoldina que ficava situada à margem do rio Peruipe, no sul do estado da Bahia. Há quase dez anos me dedico à intenções buscas, a colecionar e manusear velhos documentos, mas confesso que ainda não me é possível condensar todo este material em forma de um trabalho definitivo e satisfatório. Dentre os trabalhos já impressos que consultei e que esclarecem vagamente alguns pontos obscuros quanto a fundação da Colônia, dezoje realçar a dissertação do Dr. Carl August Toelsner. Não me foi possível encontrar nenhum exemplar deste interessante escrito no Brasil e, supponho que seja ainda completamente desconhecido em nosso meio literário. Consegui, depois de muitas dificuldades, uma copia datilografada do único exemplar existente no arquivo da Universidade de Goettingen e que leva o seguinte título:

A Colônia Leopoldina no Brasil

Descrição da plantação, colheita e preparo dos mais importantes
produtos ali plantados principalmente
do Café

assim como outras observações e experiências realizadas ali durante
uma estadia de muitos anos por

Dr. Carl August Toelsner

Médico da Colônia

Dissertação inaugural para aquisição do título de Doutor em Filosofia em Goettingen.

GOETTINGEN 1858

Impresso na Tipografia Universitaria de Dieterich
(W. Fr. Kaestner)

com a seguinte dedicatória:

Respeitosamente dedicado pelo autor à

Sua Excelência o Senhor

Carl Otto Unico de Malortie

Mordomo Mor da cõrte real de Hanover

Dignitário de altas condecorações e gran cruces etc. etc.

tamanho pequeno contendo 76 paginas dividido em 5 capitulos elucidando as seguintes matérias:

- I. A colônia Leopoldina no Brasil. Sua fundação e seu estado actual.
- II. O preparo do solo, plantio e colheita dos principais productos agrícolas.
 1. Plantio e colheita do café
 2. Cultura da raiz da mandioca
 3. O Yame
 4. A Batata
 5. A árvore milagrosa (Mamona)
- Adenda de outras plantas
- III. Descrição de alguns bichos nocivos que se encontram nas vizinhanças da colônia Leopoldina e do meio mais conveniente de preservar-se dos mesmos.
 1. Cobras
A cascavel, a surucucu, a jararaca-açú, a jararaca, a caisaca, surucucu-patioba, a giboia.
 2. Cupim
 3. Formigas

2

4. Mosquitos
5. Bicho do pé
6. Carrapato
7. A Filaria ou Bicho da Costa
8. Morecos

IV. Sôbre o clima e salubridade da colônia Leopoldina.

V. Sôbre os indígenas ou índios selvagens que moram nas vizinhanças da colônia.

A leitura é agradável e interessante, apesar de não corresponder às exigências impostas, hoje em dia, para uma tese de doutorando, mas tratando-se, por assim dizer, da única descrição autêntica da vida da colônia, reveste-se de um certo valor para o nosso estudo. Procuo traduzir alguns capítulos para melhor elucidação:

I. A COLÔNIA LEOPOLDINA NO BRASIL SUA FUNDAÇÃO E SEU ESTADO ACTUAL

Em 1818 foi fundada, no Brasil na provincia da Bahia, a colônia Leopoldina pelo consul hamburguez Pedro Peycke, pelos naturalistas Freyreiss e Morhardt, naturais de Frankfort s/M., aos quaes, pouco depois, se juntaram os suíços Abrão Langhans e David Pache. Estes homens embarcaram na Bahia e navegaram ao largo da costa até Caravellas, uma pequena e aprazivel cidadezinha, situada no paralelo 18.º latitude sul. Em Caravellas desemboca um rio, o qual é chamado, até Vila Viçosa, localidade situada na sua margem, de rio Caravelas e, daí em diante, rio acima, é denominado de rio Pernambuco. Acharam a região que atravessaram plana, composta de areia lavada e estéril e, que durante a temporada chuvosa ficava quase submersa pelas águas, enquanto que tornava-se árida, a modo de ressecar toda a vegetação, durante a época do verão, resultando serem impréstáveis para qualquer plantação. Continuaram pois os nossos colonizadores rio acima para os confins da mata virgem; navegaram ainda um dia inteiro e, aí a região apresentava-se ondulada e acidantada, a terra era composta de uma camada argilosa amarelada misturada com terra vegetal preta e banhada por belos riachos. Acha-

3

ram que era justamente aquilo que procuravam para realizarem seus planos; dirigiram-se, em seguida, ao Governo e receberam cinco sesmarias de mata virgem (1 sesmaria 1/2 légua quadrada). Em homenagem à imperatriz D. Leopoldina, que muito contribuiu para que lhes fôsem dadas estas terras, denominaram os colonos a pequena aldeia de Leopoldina. Fica situada pouco abaixo de 18° 2' paralelo Sul e, 335° 30' ao leste ou 24° 30' ao oeste da latitude de Ferro e, ao sul da nascente do rio Perubipe, mais ou menos no centro, entre a nascente do rio Jeguitinha, que se encontra a oeste e da costa do Brasil, que se encontra a leste. Contando da desembocadura do rio Caravellas, encontra-se distante umas 20 milhas marítimas e, limita-se ao oeste com uma serra que se eleva de 2 a 3 mil pés e que corre paralela à costa. Desta serra nascem os riachos acima aludidos.

A região está situada em clima muito salubre, a uma altura de 200 pés acima do nível do mar. Possui boa água potável e não existem pantanos nas imediações. Sua formação mineral-geológica compõe-se de uma mistura de pedra arenosa com fragmentos de ferro; mais acima, ao pé de serra já mencionada, torna-se granítica. A máxima termométrica é de 32 1/2° e a mínima de 10 1/2° R.

Com poucos meios financeiros e escassa mão de obra, somente com a ajuda de alguns negros, tiveram que iniciar e realizar o penoso trabalho de arrotar o solo. No principio fracassaram varias tentativas do plantio de plantas vegetais e, principalmente o do café, quando logravam, as safras eram diminutas. Como veremos mais adiante, até a má reputação que gozava o café de antanho, devido ao tratamento e preparo negligente proporcionado ao café brasileiro, teve influencia prejudicial no desenvolvimento da colônia. Considerando todos estes fatores, a situação actual da mesma é de plena prosperidade. Existem no momento 40 fazendas, nas quais vivem 200 brancos, na maioria alemães e suíços, alguns franceses e brasileiros e 2.000 pretos. Estes últimos nasceram e se criaram quasi todos na colônia e devem isto ao tratamento humanitário, que lhes é dispensado e, à vantagem de viverem em decentes e respeitáveis nucleos familiares. Todos são batizados, educados como cristãos e bem tratados. A maioria dos rapazes são admitidos ao estudo de um officio, as meninas são instruídas em trabalhos caseiros.

No fertil e inegotável solo e no clima abençoado da colônia prosperam e são cultivados com êxito: o cafezeiro, a jaqueira, a mangueira e fruta-pão, a banana a laranja, o abacaxi, a mamona, a cana de açúcar, o algodão, o fumo, o milho, a mandioca da qual é feito a farinha, e varios legumes. Anualmente a colônia exporta perto de 100.000 arrobas, (1 arroba à 16 quilos) em parte para a Bahia e em parte para o Rio de Janeiro em dois vapores contratados e postos à disposição especialmente para este fim.

A qualidade deste café, que geralmente é conhecido no comércio como "Café Caravellas", posto que de acôrdo com o lugar de sua procedência se deveria denominá-lo de "Café Leopoldina" é considerado e reputado como o melhor café do Brasil. Ademais, na Europa, devido a sua ótima qualidade e esmerado acondicionamento, é muitas vezes vendido sob outros nomes e, como sendo de outra procedência ou mesmo usado para melhorar qualidades inferiores. Inumeras maquinas movimentadas por força hidráulica são usadas no preparo deste café, 12 serrarias estão em movimento e outras tantas estão em montagem para utilizar as madeiras preciosas que abundam nas matas criando-se assim um novo artigo de exportação para grande proveito da colônia.

O governo brasileiro, cujo liberalismo já é bastante conhecido e, que tudo faz para incrementar a colonização, chegando até a subvencionar a imigração alemã, há pouco tempo acaba de colocar à disposição a prodigiosa quantia de seis mil contos que conciosa e convenientemente aplicada, viria reverter em grande utilidade para o país. Nossa colonia no entanto, nunca foi contemplada com sustento ou auxílio por parte do governo, apesar de contribuir aos erários públicos com o imposto alfandegário da já acima alludida exportação de café que vagamente calculado, perfaz a soma de 40 contos de réis ou sejam cerca de 60 mil marcos ou 32 mil escudos de moedas corrente. Disto a colônia pode-se orgulhar, pois deve a sua actual prosperidade, além da produção do seu excelente e reputado café, além da prosperidade do seu solo e do seu clima adorável, exclusivamente à actividade honesta e perseverante de seus primeiros colonos.

Grandes áreas de matas virgens, não somente em todo o Brasil como também aqui, dão margem a uma futura ampliação da colônia por meio de nova leva de imigrantes cujos componentes acharão aqui ocasião favorável para fundarem novas plantações ao tempo em que encontrarão à sua disposição os maquinários e acessórios necessários para o beneficiamento da colheita e do preparo de seus produtos destinados à exportação.

Não quero encerrar esta comunicação sem me referir ao capitão III que merece ser divulgado e que trata do veneno da cobra cascavel:

“Acreditam ali que a mordidura da cascavel cura a lepra e que neste caso não ocasiona a morte ao mordido. Existem mesmo casos e exemplos desta ignorância e leviana superstição, que pessoas afetadas de mortêa se sujeitaram a tão horrível tratamento, nutrido a cega e tola ilusão que um mal só poderia ser vencido por outro mal ainda pior, como também é costume na Alemanha que o homem do povo deixa-se persuadir que coisa ruim deve ser expulsa por coisa pior. Acho pois necessário e oportuno relatar minuciosamente um exemplo triste e autêntico desta natureza, como advertência contra futuras experiências funestas. Mariano José Machado, natural do Rio Pardo na província do Rio Grande do Sul, com 50 anos de idade, fora atacado pela horrível moléstia de Hansen e estivera durante 4 anos no hospital dos Lázaros, no Rio de Janeiro. Cansado da vida, retirou-se aos 3 de Setembro desta casa de saúde para arriscar-se a ser mordido pela cascavel, apesar de vários médicos inclusive seus próprios parentes o terem desaconselhado de tal propósito em virtude de duvidarem do êxito. O homem era de estatura mediana, mas possuía uma constituição muito forte. A pele de seu corpo estava coberta de tubérculos mas sem ulceração, a cara horrível e leoninamente desfigurada. As extremidades, os dedos dos pés e mãos já se achavam deformados, a pele superior despelava-se com facilidade. Ele não podia mais aguentar os padecimentos de sua moléstia e encaminhou-se para a rua da Imperatriz n.º 61 no Rio de Janeiro, onde sabia existir uma cascavel cativa. Elaborou-se uma declaração notória de sua última vontade que foi assinada por êle e na qual declarava formalmente que o ato que estava prestes a ser praticado,

êle o faria por iniciativa própria e que todo e qualquer risco correria por sua vontade e que assumira pessoalmente toda responsabilidade quanto ao êxito ou malogro de seu ato. — Logo após colocou sua mão na caixa e segurou a cobra. Esta desviou a cabeça de sua mão depois começou a lambê-la, mas quando sentiu que esta mesma mão a apertava, mordeu-no dedo. Isto aconteceu pela manhã as 11 horas 50 minutos. Mariano quase nada sentiu da picada, nem tão pouco do veneno contido na pequena ferida, só notou que fôra mordido ao ver os pingos de sangue que gotejavam da mesma e por uma pequena inchação da mão. Cinco minutos mais tarde sentiu frio na mão e, pouco depois umas dores na mesma enquanto que dentro de 15 minutos ela inchava assustadoramente. Em 30 minutos o pulso acelerou muito, depois de 58 minutos, isto é 1 hora depois da picada, começaram alterações na face e convulsões em várias partes da mesma. A inchação da mão aumentava e se alastrava por todo o braço. A 1 hora e 20 minutos começou o corpo todo a tremer tornando-se muito sensível, a 1 hora e 36 minutos perturbação mental e dificuldade em mover os lábios, vontade de dormir e coarção da guela até ao estômago. 2 horas e 50 minutos dificuldade em falar e engulir, angústia e abundante transpiração da região toráxica. As 2 horas e 58 minutos enfraquecimento geral e hemorragia nasal, forte agitação enquanto o pulso subia à 96 pulsações por minuto. 3 horas e 4 minutos, transpiração em todo o corpo, gemidos involuntários, dores nos braços e contínua hemorragia nasal. As 3 horas e 35 minutos o paciente bebia facilmente água e vinho, uma côr amarelenta espalhou-se por todo o corpo e, de uma pústula na axilla irrompeu uma hemorragia. A pele do corpo ficou mais escura, principalmente no braço mordido, dôres insurportáveis nas extremidades superiores, dificuldade ao engulir e na respiração. As 4 horas e 50 minutos o pulso atingia 104 pulsações, todo o corpo emanava grande quantidade, a bôca expectorava muita saliva e as 5 horas e 30 minutos mixão em excesso. As 7 horas grande sonolência e gemidos. O paciente acorda com dores agudas no tórax e o esôfago como que cerrado. Recomeçaram novamente mixão abundantes e hemorragia nasal. Administrou-se-lhe uma bebida composta de água, açúcar e rhum, mas que o doente não conseguiu beber. Às 10 horas deu-se-lhe uma infusão de Guaco (Mik-

nia Guaco Humboldt), às 11 horas quatro colheradas cheias da mesma infusão. À meia noite voltou o sono, meia hora mais tarde acordava com horrível angústia, gritava e pedia os sacramentos. Continuou-se a administrar-lhe, tódas as meias horas, a infusão de guaco. As 9 horas e 45 minutos appareceu profunda prostração e desânimo, movimentos convulsivos do queixo inferior e das extremidades inferiores e mixão de sangue. Às 10 horas collocou-se-lhe duas ventosas nas coxas e deu-se-lhe um cristal contendo um pouco de rhum, e por via bucal uma onça de óleo de lagartixa. Somente as 11 horas e 30 minutos, vinte e quatro horas depois de ser mordido, faleceu este infeliz. O cadáver tornou-se logo lívido, inchou desproporcionalmente, cobriu-se em poucas horas de manchas roxas e emanava terrível fetido."

Outro capítulo interessante é o referente ao Dracunculo ou Bicho da Costa.

"O Dracunculo é um verme intestinal de formato bem redondo, parecendo uma corda branca de tripa de violão, sua grossura varia entre a de um fio de algodão e a de um barbante regular, seu comprimento é de um a seis pés. E' uniformemente redondo, cabeça e cauda muito difficil de discernir. E' importado da África por negros recém-chegados; existe quem afirme que o Dracunculo já se aclimatára no Brasil e já fôra encontrado entre brasileiros, mas eu pessoalmente ainda não me pude convencer disto.

Como o dracunculo consegue penetrar no corpo humano ainda não é conhecido. Alguns attribuem como causa de sua formação o comer peixe de água putrefactas e estagnada, outros, o beber destas águas, ou quererem mesmo culpar a simples lavagem do corpo ou o banhar-se em semelhantes águas.

Este verme se encontra no tecido celular da epiderme e geralmente na perna perto do tornozelo, raramente nas extremidades superiores. — O primeiro sinal de sua presença manifesta-se em forma de uma cocieira desagradável no respectivo lugar. Acontece também que pode permanecer muitos anos no corpo sem ser pressentido de forma alguma, ou acontece tambem manifestar-se de ma-

neira mais desagradável, emroscando-se e apertando músculos, tripas ou nervos o que é acompanhado de dores contínuas e provocadas convulsões agudas. No momento de sair do corpo humano, occasiona sintomas, singulares, no lugar a ser por ele perfurado, originase uma dôrsinha, depois, inchamento que apostema e formase em seguida uma pequena pústula supurando puz e agua amarelenta ao mesmo tempo destaca-se a cabeça do verme. Procura-se pegá-la com uma pincta e puxá-la lentamente para fora da ferida, por meio d'este processo consegue-se trazer à luz do dia algumas polegadas. E' necessário usar grande cautela e prestar bem atençaõ para que o pedaço que já se encontra do lado de fora, não parta, se isto acontecer a parte do verme que ainda se encontra no corpo se retrahirá e passará muito tempo até reaparecer novamente. O pedaço que se conseguir extrair, enrola-se sobre um carretel ou pedaço de madeira roliça e fixa-se de tal maneira que não possa desenrolar. No dia seguinte, roda-se com muito geito e cuidado o carretel e enrola-se mais um pedaço do verme e continua-se diariamente com este processo até extrair todo o verme. Depois disto feito, a pequena ferida cura-se rapidamente com algum cuidado. "

Junho 1951

H. Neeser